

Poemas ibéricos

Santiago Aguaded Landero

Poemas ibéricos (5) ANTÓNIO RAMOS ROSA

15/06/2021

Mucho se ha escrito sobre la poesía de **António Ramos Rosa (ARR)** y se escribirá en el futuro. En el poema que presentamos hoy, traducido por **Ángel Campos Pámpano (ACP)**, el poeta utiliza la écfrasis para (d)escribir la figura central del lienzo de Magritte *Le domaine echante (VI)*. La poesía y la pintura utilizan dos lenguajes diferentes, pero pueden complementarse y a la vez enriquecerse. Además de interesarse por el arte, el poeta desarrolló una importante labor de traducción de poetas franceses e hispano-americanos: Octavio Paz (México), Alejandro Aguirre (Ecuador), Rodolfo Alonso (Argentina), Mario Benedetti (Uruguay), Alfredo Silva Estrada (Venezuela), Nicolás Guillén (Cuba), Vicente Huidobro (Chile), Roberto Juárroz (Argentina), Ulalume González de León (México), Eugenio Montejo (Venezuela), César Moro (Peru), Olga Orozco (Argentina), César Vallejo (Perú) y entre **los españoles** a Jorge Guillén, Pedro Salinas, Tomás Segovia, Juan Eduardo Cirlot y Carlos Edmundo de Ory. Esta labor seguramente le hizo permeable a la lengua española, así como él influyó a otros poetas españoles como ACP. En la poesía de ACP vemos características de la poesía de ARR, como las elipsis que comienzan con un complemento circunstancial o el uso de la voz de la segunda persona del singular para referir una anécdota personal del pasado (Véase Pérez Parejo, 2012).



LE DOMAINE ENCHANTÉ (1980)

(PROPOSIÇÕES SOBRE LE DOMAINE ENCHANTÉ DE MAGRITTE)

António Ramos Rosa

O que nos diz a imagem? Diz-nos o que é e não o diz.
Porque não é uma palavra. Antes um silêncio,
uma ausência, um vazio.
O seu sentido é uma promessa de sentido

ou o silêncio do sentido que respira e transparece
Ausência na presença plena
Cintilação silenciosa e fixa de um olhar sem fim
Um olhar vazio de tudo — que vê e não vê
e só vê porque é cego.
Tudo nele é visão, mas a visão vê tudo.

Um signo que aponta a uma infinidade de sentidos
ou o sentido é infinito. Um sentido impossível.
Este é o aspecto incessante do signo,
o seu vazio e a sua vida,
todos os signos de um signo
de um incessante signo.

O olhar vazio é visão de um puro espaço
onde tudo é exterior e ao mesmo tempo íntimo
Todo o interior é nele o puro olhar do exterior
e a profundidade infinita do olhar silencioso.

Tudo o que ele vê a partir do puro espaço
o horizonte que está em si e à sua frente
e vem de dentro, do íntimo exterior,
e é todo ele olhar em si
a pura exterioridade de si mesmo
que ao abrir-se fecha-se e para dentro se abre.

Mas este olhar vazio
é ainda mais exterior do que qualquer olhar
porque reflecte à superfície todo o exterior
o puro exterior a partir do qual nos olha
e em si mesmo vê
numa esfera
em que a visão é presença fascinante
do que não vemos,
a ausência do que ela vê
— o tudo e o nada da visão,
a vacuidade do próprio acto de ver.

Ela olha... Não. Não olha. Vê.
Não vê. Olha.
Olha o vazio, o vazio do centro.
E ela vê.
Mas quando vê
deixa de ver: olha
apenas.
Porque a visão suspende-se
ante o vazio do centro.

Ela não pode ver-nos. Ela olha-nos.
Olhemo-la.
Olhemos os seus olhos, o seu olhar.

Não vemos, olhamos apenas.
Estes olhos não se vêem.
Como não se vê a luz vazia,
a luz do imo,
o fundo sem fundo do próprio fundo.

Mas podemos olhá-la
porque olhar é deixar-se fascinar
e o que olhamos é a fascinação do vazio
sem fundo algum.

Mas o seu rosto reflecte a harmonia
do seu fundo sem fundo com a superfície pura
O seu rosto fala do silêncio
que é o silêncio da sua beleza.
E a discreta plenitude deste rosto
revela-nos
que o puro espaço inacessível
é também a pura presença da terra,
a misteriosa transparência de cada ser,
a plenitude de uma semelhança.

Este rosto reconhece-nos
porque é a própria semelhança
Esta semelhança reúne-nos,
reconcilia-nos connosco
é o nosso coração reencontrado.

Este rosto aceita-nos no seu silêncio
na sua distância próxima.
É um sorriso de uma serena plenitude,
um sorriso de aceitação e amor,
uma amizade no mistério do ser.

Este rosto atrai-nos para uma distância
uma longínqua proximidade
ponderação da nossa transparência
porque nela nós estamos presentes
através de uma contemplação
que recusa olhar o que não deve ser visto
que atravessa o visível para ver.

Ela vê o que se oculta no visível,
o único, o ser,
o centro onde não estamos
mas que talvez em nós amadureça
que o seu olhar faz amadurecer.

Não a vemos. Olhamo-la.
E é todo o seu corpo que nos olha
que não cessa de nos olhar.

Vemos o seu corpo
Mas é antes o seu corpo que nos olha.

O seu corpo é palavra e silêncio da palavra.

A palavra-silêncio do seu corpo
entra no íntimo de nós
onde recolhe o sonho de viver
que só pode revelar-se numa infinita
contemplação
que não pode deter-se em nenhum sentido
porque é o incessante, o interminável sim do amor.

António Ramos Rosa, *Le Domaine Enchanté* (proposições sobre um fragmento de «*Le Domaine Enchanté*» de Magritte), Porto, O Oiro do Dia, 1980

René Magritte, *Le Domaine Enchanté* (VI), 1953

LE DOMAINE ENCHANTÉ

(Propuesta sobre un fragmento de le domaine enchanté de Magritte)

António Ramos Rosa

¿Qué nos dice la imagen? Nos dice lo que es y no lo dice.
Porque no es una palabra. Sino un silencio,
una ausencia, un vacío.
Su sentido es una promesa de sentido
o el silencio del sentido que respira y se transparenta.
Ausencia en la presencia plena,
titilación silenciosa y fija de una mirada sin fin.
Una mirada vacía de todo: que ve y no ve
y sólo ve porque es ciega.
Todo en ella es visión, más la visión lo ve todo.

Un signo que apunta a una infinidad de sentidos
o el sentido es infinito. Un sentido imposible.
Este es el aspecto incesante del signo,
su vacío y su vida,
todos los signos de un signo,
de un incesante signo.

La mirada vacía es visión de un puro espacio
donde todo es exterior y al mismo tiempo íntimo.
Todo lo interno es en ella la pura mirada de lo exterior
Y la profundidad infinita de la mirada silenciosa.

Todo lo que en ella ve a partir del puro espacio,
el horizonte que está en ella y por delante
y viene de dentro, de lo íntimo exterior,
y es todo él mirada en sí,

la pura exterioridad de sí mismo
que al abrirse se cierra y hacia dentro se abre.

Pero esta mirada vacía
es aún más externa que cualquier mirada
porque refleja en la superficie todo el exterior
el puro exterior a partir del cual nos mira
y en sí mismo ve
en una esfera
donde la visión es presencia fascinante
de lo que no vemos,
la ausencia de lo que ella ve:
el todo y la nada de la visión,
la vacuidad del propio acto de ver.

Ella mira... No. No mira. Ve.
No ve. Mira.
ella es armonía azul del cielo
y la plenitud terrestre. El supremo equilibrio.
Pero ella no ve. Mira.
Mira el vacío, el vacío del centro.
Y ella ve.
Pero cuando ve
deja de ver: mira
sólo.
Porque la visión se suspende
ante el vacío del centro.

Ella no puede vernos. Ella nos mira.
Mirémosla.
Miremos sus ojos, su mirada
porque en ella nosotros estamos presentes
a través de una contemplación
que se niega a mirar lo que no debe ser visto,
que atraviesa lo visible para ver.

Ella ve lo que se oculta en lo visible.
lo único, el ser,
el centro donde no estamos,
pero que tal vez en nosotros madura,
que su mirada hace madurar.

No la vemos. La miramos.
Y es todo su cuerpo quien nos mira,
Quien no cesa de mirarnos.
Vemos su cuerpo.
Pero es ante su cuerpo quien nos mira.

Su cuerpo es palabra y silencio de la palabra.

La palabra-silencio de su cuerpo

entra en lo íntimo de nosotros
donde recoger el sueño de vivir
que sólo puede revelarse en una infinita
contemplación
que no puede detenerse en ningún sentido
porque es el incesante, el interminable sí del amor.

Versión de Ángel Campos Pámpano (Revista de Occidente)

Nota biográfica do poeta: <http://antonioramosrosa.blogspot.com/p/biografia.html>

Agradecimientos especiales a **M. Filipe Ramos Rosa** por la cesión de derechos y su amabilidad al requerimiento del firmante de esta rúbrica

BIBLIOGRAFIA:

PÉREZ PAREJO R. (2012). La influencia de la poesía portuguesa en la obra de Ángel Campos Pámpano: ejemplos y significación. *Revista Tejuelo*. Vol. 14:58-84.